

ARTIGO

# Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea\*

**Julia Cariry Costa\*\***

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p429-464

**Razel Carmo da Silva\*\***

Universidade de São Paulo

## *resumo*

O estudo investiga a formação histórica do patriarcalismo na Coreia do Sul, articulando o neoconfucionismo da dinastia Joseon (1392-1897) às estruturas de gênero do período. O objetivo é compreender como os princípios filosóficos foram traduzidos em instituições, leis e práticas sociais que consolidaram hierarquias familiares, segregação de papéis e modelos de virtude feminina. A pesquisa adota uma metodologia histórico-analítica, combinando a leitura de textos clássicos, como os Analectos e os comentários de Yi Heang e Yi Yi, legislação da dinastia Joseon e estudos recentes de história social e de gênero. As fontes incluem códigos leais, diários pessoais e narrativas culturais, como o pansori "Chunhyangga". A abordagem historiográfica dialoga com autores como Martina Deuchler, Hyaeweol Choi e Michael Seth, questionando a linearidade entre tradição e modernidade e discutindo a persistência de valores confucionistas na política, na linguagem e na vida cotidiana contemporânea. O artigo pretende demonstrar que o ideal de fidelidade e pureza feminina, central no neoconfucionismo, permanece reconfigurado em práticas e discursos atuais, revelando uma continuidade estrutural entre o patriarcalismo histórico e as desigualdades de gênero na Coreia moderna.

**PALAVRAS-CHAVES:** Coreia do Sul; Joseon; Neoconfucionismo; Patriarcalismo

\*Este trabalho resulta da atividade final da disciplina de Práticas de Leitura e Escrita Historiográfica ministrada pela Prof<sup>a</sup>, Dra. Antônia Terra de Calazans Fernandes, a quem agradecemos pela orientação inicial. Agradecemos também ao Prof. Dr. Fabiano Bracht pela valiosa contribuição na revisão final.

\*\*Graduandos em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mails para contato: julia.cariry@gmail.com e razelcarmo@usp.br

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

### Introdução

Em 1392, Yi Seong-gye depôs Goryeo (918-1392) e fundou a dinastia Joseon (1392-1897), tornando-se o rei Taejo<sup>1</sup> de Joseon (1392-1398). Foi em contexto de crise do reino anterior que permitiu as ideias de Jeong Do-jeon, adepto do neoconfucionismo e intelectual da classe *sadaebu*, como eram chamados os estudiosos confucionistas, elaborar novos planos políticos para o processo de transição que se iniciava. O neoconfucionismo, que enfatizava a moralidade e o respeito às hierarquias, tinha como pilares fundamentais a lealdade ao seu rei (*chung 충*), a devoção piedade filial (*hyo 효*) e a fidelidade conjugal feminina (*yeol 열*)<sup>2</sup>.

Na dinastia Joseon, a posição e o papel social das mulheres foram profundamente moldados pelos ideais de fidelidade do neoconfucionismo, especialmente a partir no que é compreendido como Período Tardio<sup>3</sup>. Essas convicções mostraram-se tão duradouras que influenciaram decisivamente a formação da sociedade sul-coreana contemporânea, que ainda preserva resquícios substanciais do último período dinástico. Contudo, os estudos que investigam a fundo a relação entre o neoconfucionismo e a formação da sociedade patriarcal sul-coreana no Brasil ainda são escassos. Para preencher essa lacuna, este artigo adota um

---

<sup>1</sup> Os reis das dinastias coreanas adotavam um nome regencial de acordo com a ordem da ascensão ao trono. Os primeiros reis, tanto de Goryeo quanto de Joseon, são chamados de Taejo.

<sup>2</sup> O acesso ao discurso de Yi Seong-gye que menciona algumas das ideias de moralidade está disponível no volume 1, em julho do primeiro ano do reinado do rei Taejo em: COREIA DO SUL. NATIONAL INSTITUTE OF KOREAN HISTORY. (org.). **The Veritable of the Joseon Dynasty**. Disponível em: <https://sillok.history.go.kr/main/main.do>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>3</sup> O período Joseon Tardio iniciou-se no começo do século XVII, entre 1600 e 1610 e se estendeu até o final da dinastia Joseon, em 1910.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

recorte diacrônico, analisando a doutrina desde o Período Inicial ao Tardio de Joseon (séculos XV-XIX) e estabelecendo um diálogo entre com a Coreia do Sul dos séculos XX-XIX. Essa abordagem permite relacionar as continuidades e descontinuidades nas instituições e práticas patriarcais, o que é crucial para compreender não apenas as doutrinas que sustentam uma ideologia estatal, mas também a forma como elas se articulam com a agência humana na consolidação de uma cultura.

Dessa forma, o presente artigo visa investigar a formação da sociedade patriarcal sul-coreana através da dinastia Joseon. Seu objetivo central é compreender o modo pelo qual a institucionalização de princípios neoconfucionistas durante esse período estruturou hierarquias de gênero que permanecem em operação, ainda que reconfiguradas, na Coreia do Sul contemporânea. Para tanto, parte-se do entendimento de que o neoconfucionismo, filosofia oficialmente institucionalizada, exerceu uma influência profunda nos ideais de gênero por meio da implementação de leis que reforçavam a clara divisão entre os sexos e a subordinação das mulheres. Busca-se, assim, compreender de que maneira esse legado, ainda enraizado nos pilares sociais, molda as relações e as funções sociais dos indivíduos na sociedade atual.

Para cumprir a proposta apresentada, esta pesquisa busca, a princípio, compreender as bases filosóficas neoconfucionistas, seus principais pensadores, como Zhu Xi, Yi Hwang e Yi Yi, e as mudanças significativas ocorridas na sociedade sul-coreana a partir deles, mediante a análise de seus comentários canônicos. Em seguida, apresenta exemplos de disparidade de gênero durante a dinastia Joseon com base em

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

bibliografia especializada e na análise de fontes primárias por meio dos Anais da Dinastia Joseon (Joseon Wangjo Sillok), afim de investigar a relação entre a norma doutrinária e a prática social. Por fim, o último ponto a ser abordado é a desigualdade de gênero na contemporaneidade, enfocando lutas feministas sul-coreanas e como elas têm trazido resultados relevantes para a transformação de ideias enraizadas no corpo social, relacionando os dados históricos com estudos recentes de história social, gênero e educação para analisar as permanências e reconfigurações dessa memória cultural. Dessa forma, portanto, o tratamento metodológico privilegia a relação entre norma, prática e memória cultural.

### **Bases teóricas do neoconfucionismo e o uso do seu debate na sociedade de Joseon**

É difícil determinar exatamente quando o confucionismo, filosofia de pensamento chinesa, chegou à Coreia. No entanto, estudos mais recentes sugerem que sua influência começou durante as primeiras interações culturais entre Coreia e China, no período dos Três Reinos Coreanos — Baekje, Silla e Goguryeo (57 AEC-668 EC). Esse sistema de pensamento consolidou-se de forma mais evidente nos anos finais do século XIV, durante o Período Inicial da dinastia Joseon (1392–1550). Assim, essa filosofia não era novidade para a população quando foi oficialmente estabelecida como base ideológica do Estado: além de a elite coreana já contar com disciplinas universitárias dedicadas ao confucionismo, a troca política, comercial e cultural, incluindo aspectos religiosos, era comum (SETH, 2020, p. 27–31).

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Contudo, a novidade surgiu com a introdução de uma nova interpretação do confucionismo, na dinastia Song Chinesa (960–1279): o neoconfucionismo, um termo abrangente para o renascimento de vários eixos da escola de pensamento já existente.<sup>4</sup> Esta corrente chegou às principais universidades coreanas entre os séculos XI e XII, e teve no filósofo chinês Zhu Xi (1130–1200)<sup>5</sup> seu teórico mais conhecido, após o próprio Confúcio (LEE, 2016, p. 166–167). Ele introduziu os conceitos fundamentais, com base metafísica, como a Teoria do Princípio e da Força Material, que se tornou o alicerce teórico da visão neoconfucionista sobre a ordem natural, o comportamento humano e a estruturação da sociedade. Esta teoria auxilia a compreender as bases das mudanças políticas e sociais da dinastia Joseon.

A fundamentação teórica do neoconfucionismo possui duas vertentes principais. A primeira delas é a cosmológica, que aborda o conhecimento do universo através da relação entre o Princípio (Ri 理) e a Força Material (Gi 氣). A segunda é a Teoria da Mente e da Natureza, que aplica esse conceito aos seres humano, definindo a moralidade racional (Ri 理) como oposição ao desejo humano incontrolável, ou seja, a Força

---

<sup>4</sup> Sendo assim, as principais diferenças entre o confucionismo e o neoconfucionismo estão no uso da metafísica para explicar alguns pontos da teoria de Confúcio. Além disso, o neoconfucionismo enfoca-se no próprio Confúcio e sua importância como filósofo, ocorrendo, também, a mudança de livros-guia como de *The Five Classics*, de Mêncio, para *The Four Books*, de Zhu Xi.

<sup>5</sup> Zhu Xi foi um funcionário público e filósofo chinês adepto ao neoconfucionismo. Além de seus próprios escritos pessoais arquivados, ele compilou e comentou quatro textos de temas que considerava essenciais para essa escola de pensamento segundo sua interpretação. Esse livro é chamado de “*The Four Books*”.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Material (Gi 氣)<sup>6</sup>. Esta teoria, que definia basicamente a racionalidade contra o desejo humano incontrolável, se tornou um debate para entender qual seria a melhor maneira de compreender a mente humana e o controle de seus desejos (LEE, 2016, p. 165-169). Segundo essa visão, uma mente harmônica segue sua natureza intrínseca, agindo de acordo com ela. Dessa forma, pode-se dividir o ser humano em duas partes: corpo e mente. Quando a natureza psicofísica se torna perfeita, atinge-se o ideal de humanidade. Entretanto, o debate para entender as diferenças entre razão e sentimento logo se tornaram normas generificadas para que homens e mulheres não aos seus desejos e atingissem seu ideal virtuoso de masculinidade, alinhada a razão, e feminilidade, relacionada ao sentimento, estas normas vieram via outras teorias criadas.

Algumas ideias-chave criadas a partir da Teoria da Mente e da Natureza foram a teoria do autocultivo, a arte de governar, a fidelidade e as formalidades ritualísticas. Elas funcionavam como um alicerce teórico do neoconfucionismo e de sua visão sobre a ordem natural, o comportamento humano e a estruturação da sociedade. Compreendê-la auxilia a explicar as mudanças políticas e sociais da era Joseon, dado a inegável influência pelo neoconfucionista na Coreia. Zhu Xi também destacou a existência de dois tipos de natureza nas emoções humanas: os “Quatro Inícios” (Sadan 四端) e as “Sete Emoções” (Chiljeong 七情). As Sete Emoções englobam

---

<sup>6</sup> Este artigo adota o uso dos ideogramas chineses com pronúncia coreana, chamado de *hanja*. O *hanja* é composto de ideogramas chineses com pronúncia coreana ou ressignificado para os coreanos. No período das fontes utilizadas no artigo, este era o sistema de escrita utilizado, sendo, então, optado pelos autores. O hanja foi usado até a invenção do *hangul*, em 1444, sistema de escrita atualmente utilizado na Coreia do Sul.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

alegria, raiva, tristeza, medo, amor, ódio e desejo, sendo particularmente impactante na vida das mulheres durante esse período (LEE, 2016, p. 166–167). Elas deviam controlar os desejos, esses, muitas vezes, vindo das sete emoções, pois as virtudes femininas eram aquelas ligadas aos Quatro Inícios, que consistiam em: benevolência, rituais, sabedoria e lealdade (MOLONY; THEISS; CHOI, 2016, p. 64–65). Esse predomínio religioso gerou até mesmo cinco monumentos, construídos em Seul, inspirados nos Quatro Inícios (LEE, 2016, p. 165-169).

A Teoria da Mente e da Natureza deu origem à chamada Teoria do Autocultivo (Suyangron 修養論), que, por sua vez, gerou a Teoria dos Ideais Políticos (Gyeongseron 經世論). Nesse contexto, a meta seria tornar-se um sábio virtuoso. O autocultivo concentra-se na reflexão interna, promovendo a supressão de desejos e a disciplina mental, resultando em uma pessoa admirável e estável. Já no âmbito estadista, o foco recaiu sobre a lealdade e as formas adequadas de resolução de problemas de Estado (LEE, 2016, p. 168–173). Isso gerou um amplo debate entre os servidores do rei, sendo um tema recorrente em obras confucionistas e neoconfucionistas, que buscavam orientar os governantes. Para teóricos como Zhu Xi, Yi Hwang e Yi Yi, o rei ideal deveria governar com benevolência e seus súditos, servi-lo de forma leal, juntos, trilhando os caminhos para o céu. Muitos deles defendiam reformas tanto agrárias como tributárias para criar uma sociedade mais justa. Contudo, ao longo dos anos, esses ideais foram abandonados e, posteriormente, sufocados pelos interesses das elites (LEE, 2016, p. 170-174).

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Complementando essas teorias, destacam-se também as Teorias da Formalidade dos Rituais (Yeseol 禮說) e da Fidelidade (Yiriron 義理論), que atuaram conjuntamente no controle da vida das mulheres da época. A fidelidade, já mencionada nos *Anais da Primavera e Outono*, de Confúcio, não tinha seu significado plenamente compreendido pelos estudiosos, incentivando uma série de estudos hermenêuticos ao longo do tempo. Paralelamente, a “ritualidade” (Yeseol 禮說), frequentemente traduzida como “a forma correta de agir” ou “boas maneiras”, tornou-se outro aspecto central do confucionismo. Diversos textos clássicos elucidaram esses preceitos, sendo os principais: *Os Ritos de Zhou* (Zhouli 周禮), concentrando-se na organização burocrática da época; o *Clássico dos Ritos* (Liji 禮記), descrevendo práticas relacionadas a casamentos, funerais, períodos de luto, comemorações, entre outros; e o *Livro de Etiqueta e Cerimônias* (Yili 儀禮), detalhando maneirismos sociais, rituais e comportamentos externos abrangentemente (LEE, 2016, p. 168–173). Esse revivalismo ritualístico do confucionismo clássico tornou-se um dos pilares da sociedade Joseon.<sup>7</sup> No início do século XV, as mulheres da elite *yangban*<sup>8</sup> assumiram um papel essencial durante a aplicação institucional e demonstração pública dessas regras. As responsabilidades domésticas passaram a ser vistas como uma extensão das virtudes confucionistas, e

---

<sup>7</sup> Todos os textos citados foram escritos por volta do século I a.C. No entanto, não possuem autores atribuídos, pois, com exceção de *O Clássico dos Ritos*, de Confúcio, um compilado dos ritos clássicos mais praticados na época, possuem vários autores e em momentos diferentes, cada um com sua respectiva contribuição.

<sup>8</sup> Os *yangban* eram parte da alta classe durante a dinastia Joseon. Compostos principalmente por militares e funcionários públicos, além da administração econômica, civil e militar, esta parcela da população era responsável por seguir e exemplificar os princípios neoconfucionistas para o restante da população.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

recaiu sobre elas a tarefa de demonstrar uma conduta exemplar. Para serem consideradas mulheres virtuosas, deveriam cumprir rigorosamente suas obrigações domésticas, mostrar devoção às três pessoas mais importantes de suas vidas: ao seu pai, ao seu marido e ao seu filho (HAN, 2004, p. 118).

Tinwald (2017, p. 172-174) argumenta que a virtude era o ponto central tanto do confucionismo quanto do neoconfucionismo, com destaque especial para a virtude da sinceridade. Contudo, surge uma questão essencial: o que ocorre quando os critérios para definir um bom ou mau governante não são previamente estabelecidos? Embora não caiba a este artigo explorar em profundidade essas questões filosóficas, julgamos apropriado esclarecer as consequências da ausência de respostas claras. Para os neoconfucionistas, esse era o maior desafio da teoria, pois acreditavam que os conceitos de Ri (理) e Gi (氣) precisavam ser amplamente debatidos para explicar o que significava ser um ser humano verdadeiramente virtuoso. Essa discussão se tornou ainda mais relevante porque, na visão desses pensadores, a mente humana tendia a relativizar comportamentos imorais. Devido a isso, a sabedoria era considerada indispensável para alcançar a virtude, funcionando como guia para as ações, conforme os traços de personalidade previamente discutidos (TIWALD, 2017, p. 172-174).

Uma das características responsáveis por fazer o neoconfucionismo ter tamanha influência na Coreia era o vigoroso debate acadêmico em torno de suas ideias, incluindo aspectos religiosos e filosóficos. A

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

complexidade conceitual deixada por pensadores como Zhu Xi e Cheng Yi criou uma sensação de mistério, levando os adeptos a acreditar que a filosofia jamais poderia ser plenamente compreendida (SEOK, 2018, p. 3). Essa percepção gerou uma série de questionamentos, especialmente a partir do século XVI, estimulando a produção de inúmeros livros e teorias para responder a essas dúvidas. O próprio Zhu Xi teve como objetivo estabelecer distinções entre suas ideias e as de Mêncio<sup>9</sup>, marcando um avanço significativo no pensamento neoconfucionista. Ele afirmava que Ri (理) era intrinsecamente bom, enquanto Gi (氣), embora pudesse ser benigno, possuía aspectos neutros ou até negativos. Essa ambiguidade moral nunca foi inteiramente resolvida em seus escritos, tornando-se o eixo de debates filosóficos na Coreia ao longo dos cinco séculos subsequentes.

Yi Hwang, estudioso do período Joseon, é um exemplo notável desses debates: ele definiu Ri (理) como o verdadeiro “Caminho para o Céu” e Gi (氣) como o aspecto imperfeito do ser humano. Segundo ele, todas as emoções negativas, que afastam o indivíduo do estado ideal, derivam de Gi (氣) (SEOK, 2018, p. 6-7). Seong Hon também aderiu a essa visão (LEE, 2016, 175–176). Outro pensador, conhecido como Toegye, argumentava que a relação entre Ri (理) e Gi (氣) dependia de sua especificidade moral: Ri (理) era moralmente específico, enquanto Gi (氣) não, o que explicaria sua

---

<sup>9</sup> Mêncio, ou Mengzi, foi um dos principais seguidores do confucionismo. Sua mãe é mencionada no livro *Exemplary Women of Early China*, também conhecido como *Biographies of Exemplary Women*, de Liu Xang. Entre os seguidores clássicos do confucionismo, é possível afirmar que suas filosofias tenham sido as mais influentes na formação da visão da mulher ideal para os neoconfucionistas. No entanto, reconhecemos a necessidade de um artigo exclusivo para aprofundar essa questão. Para os interessados, há traduções confiáveis deste livro para o inglês, como a feita pela Universidade de Cambridge.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

imperfeição (SEOK, 2018, p. 7-8). Para ele, quanto mais próximo algo estivesse da natureza perfeita humana, como era o caso de Ri (理), mais aprimorado se tornava. No entanto, havia interpretações alternativas. Por exemplo, para Yi Yi, Ri (理) era apenas um princípio que se subdividia em inúmeras partes — dezenas, centenas e, eventualmente, milhares (LEE, 2016, p. 176-178). Nesse sentido, ele defendia que o que realmente existia no ser humano e o constituía era Gi (氣). Por isso, na visão de Yi Yi, não havia razão para considerar Gi (氣) inerentemente mau, uma vez que ele era, na verdade, a base da existência e da ação humana.

A falta de uma moralidade bem-estabelecida, fez, também, com que controlar as elites fosse mais fácil. Sendo assim, a posição de um cavalheiro, seguidor de todas as virtudes ambíguas corretas, se tornou a meta dos estudiosos neoconfucionistas (LEE, 2016, p. 187). Para as mulheres, entretanto, a meta era se tornar uma esposa obediente dedicada, além de uma mãe carinhosa (MOLONY; THEISS; CHOI, 2016, p. 64).

Mudanças institucionais com o estabelecimento do neoconfucionismo na Coreia começaram com a criação do Censorato coreano, inspirado na instituição chinesa de mesmo nome. Essa instituição era composta por acadêmicos, e sua função era examinar e avaliar possíveis candidatos para servir ao rei, bem como suas famílias. Qualquer falha de conduta ou delito cometido por membros da família de um candidato, resultava em sua desclassificação imediata. Além disso, o Censorato também excluía seguidores de outras religiões, refletindo a intolerância religiosa do neoconfucionismo em relação ao budismo, o

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

xamanismo, elementos taoístas presentes naquela sociedade, e até mesmo vertentes do próprio confucionismo. Os estudiosos neoconfucionistas consideravam estarem restabelecendo os princípios originais ensinados por Confúcio. Por essa razão, era fundamental preservar a linhagem de governo vigente, revelando outra função do Censorato: fiscalizar tanto o rei quanto os candidatos a governadores do país. No entanto, vale notar que, enquanto o confucionismo original enfatizava a meritocracia, afirmando que qualquer pessoa poderia governar desde que seguisse os princípios de bondade, o neoconfucionismo priorizava uma visão mais hierárquica, hereditária, e, logo, excludente (SETH, 2020, p. 30-31).

Durante a dinastia Goryeo, ambos os gêneros possuíam o mesmo tipo de educação dada pelos pais. Entretanto, não demorou para que os princípios estabelecidos pelo Censorato afetassem drasticamente a liberdade das mulheres da elite coreana e elas perderem sua autonomia em um curto espaço de tempo. O neoconfucionismo previa uma separação súpera, senão total, entre os gêneros: as mulheres *yangban* deveriam permanecer em casa, cuidar dos rituais, dos filhos e demonstrar virtude ao servir, primeiramente, ao pai antes do casamento, ao marido durante o matrimônio e, após a morte deste, ao filho mais velho. A separação se tornou tão rigorosa que homens e mulheres não podiam mais usar a mesma entrada da casa, dormir no mesmo quarto ou dividir o guarda-roupa (KWON, 2015, p. 189-191). Até mesmo a educação foi segregada: as meninas aprendiam desde cedo a lavar, passar, realizar os rituais prescritos e a cuidar do marido e dos filhos, além de uma educação

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

sexual específica para poderem saber qual seria o período ideal para engravidar de um filho homem. Já os meninos eram instruídos para atividades externas ao lar, como as de batalha, relações políticas, cálculo, escrita e outros conhecimentos necessários para uma vida pública de sucesso (KWON, 2015, p. 191-193).

Mudanças legislativas também restringiram os direitos das mulheres. Elas perderam o direito à guarda dos filhos após o divórcio, sob o argumento de que sua educação, voltada para tarefas domésticas, as tornavam incapazes de criarem as crianças adequadamente sem o auxílio de um homem, especialmente os meninos, considerados futuros membros prolíficos e valorosos da sociedade. Além disso, as leis de divórcio eram profundamente desiguais: enquanto os homens poderiam solicitar a separação sem provas concretas de traição, desrespeito aos pais, violência por parte da esposa ou perturbar a imagem familiar, as mulheres só poderiam pedir divórcio em casos extremos, como assassinato dos próprios pais cometido pelo marido (KWON, 2015, p. 195). No caso de violência doméstica, apenas agressões graves, como fraturas, poderiam justificar o fim do casamento.<sup>10</sup>

Essa desigualdade, que será detalhada posteriormente, mostra como a academia e o aparato legal foram usados como ferramentas iniciais para suprimir os direitos das mulheres pertencentes à elite coreana. Para além

---

<sup>10</sup> Nota-se que apesar disso, o divórcio (principalmente quando requisitado pela mulher) continua sendo uma exceção durante a dinastia Joseon, pois a separação do casal era vista com maus olhos. Na maior parte dos casos, as mulheres preferiam fugir, sabendo que seriam punidas caso fossem encontradas ou, em casos mais graves, o suicídio.

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

das leis de divórcio, as mulheres se tornaram proibidas por lei de praticarem esportes ou qualquer coisa relacionada ao masculino (SETH, 2020, p 32): a fim de preservar sua imagem e delicadeza, elas deveriam parar de andar a cavalos e jogar polo. Isso, é claro, incluía também o resto da esfera masculina: cuidar dos assuntos administrativos como o casamento — com exceção em casos da morte do marido —, ou sair de casa. Contudo, não há evidências concretas de concordância integral por parte das mulheres *yangban* com os ideais neoconfucionistas. Um exemplo notável é Im Yoonjidang (任允摯堂), a primeira mulher coreana acadêmica neoconfucionista, que viveu entre 1721 e 1793. Apesar de diversos registros elogiosos enviados a ela, por sua adesão aos preceitos neoconfucionistas, assim como seu irmão<sup>11</sup>, seus escritos pessoais em diários contradizem a visão pública e revelam uma visão de feminilidade que se distanciava da dos homens de sua época. Enquanto os valores tradicionais enfatizavam delicadeza, obediência e brandura, Im Yoonjidang priorizava a coragem e a força, destacando e elogiando mulheres com o mesmo espírito vigoroso atribuído aos homens de seu tempo (KIM, 2016, p. 131-152).

Esse padrão não se limitava às filósofas mulheres. Muitos acadêmicos homens, ao refletirem sobre sua posição social durante os estudos, além de princípios sociais do confucionismo clássico já ditos anteriormente (como a reforma tributária e agrária, meritocracia governamental e a promessa de uma sociedade mais justa para os menos abastados)

---

<sup>11</sup> Durante este período, era comum uma mesma família possuir a mesma linha de pensamento acadêmico, como avós, pais, filhos e irmãos. Por isso, Yoonjindang compartilhava da mesma forma de interpretar o neoconfucionismo de seu irmão.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

frequentemente enfrentavam crises emocionais e existenciais, declaradas em textos pessoais, como diários. Essa situação revela uma contradição entre os debates filosóficos no âmbito do neoconfucionismo e os dilemas internos vividos pelos estudiosos do Período Joseon (KIM, 2016, p. 131-152).

Embora o neoconfucionismo ainda não estivesse plenamente consolidado entre as famílias de classes mais baixas, isso não significa que seus ideais fossem desconhecidos. No entanto, para essas pessoas, a necessidade de sobrevivência perpassou, durante séculos, a imprescindibilidade desse modo de vida (SETH, 2020, p. 30-32.). Essa situação gerou um problema evidente: as mulheres eram consideradas o pilar da família coreana e, para que essa estrutura funcionasse conforme os preceitos neoconfucionistas, era indispensável viverem consoante as virtudes prescritas. Entretanto, a realidade era diferente para as classes mais baixas. Os ideais neoconfucionistas de separação de gênero não puderam ser plenamente aplicados, já que as mulheres camponesas eram indispensáveis para o sustento familiar, trabalhando junto aos maridos. Assim, esses ideais demoraram séculos para se consolidar entre as classes mais baixas, atingindo essa parcela da sociedade apenas no final do século XVII (SETH, 2020, p. 146-149).

Uma das principais mudanças foi o enfraquecimento da matrilinearidade. Antes disso, mulheres e homens — exceto o primogênito, encarregado dos rituais familiares — tinham direitos iguais à herança. Contudo, com a disseminação dos ideais neoconfucionistas entre os

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

menos abastados, as mulheres passaram a receber parcelas insignificantes ou, em muitos casos, foram excluídas completamente da divisão de bens.

Outro fator relevante foi a popularização das genealogias. Inicialmente, apenas famílias da elite as possuíam, e quanto mais antiga fosse a genealogia, maior o prestígio da família, pois isso indicava acesso privilegiado e especializado à informação sobre seu passado e aos recursos necessários para rastreá-lo. No início do Período Joseon, observa-se que as mulheres eram incluídas nesses registros. Com o tempo, famílias de classes mais baixas também começaram a elaborar genealogias. (JUNG, 2015, p. 164-167). Sem recursos para pesquisar sua ancestralidade, muitos adotaram sobrenomes de famílias *yangban* por dois motivos principais: o primeiro era evitar o alistamento militar, já que uma posição social mais elevada os eximia dessa obrigação; o segundo era usar o sobrenome como um passaporte para ascender socialmente. No entanto, enquanto os homens se beneficiavam dessa nova prática, o sobrenome das mulheres foi gradualmente negligenciado. Elas deixaram de ser incluídas nas genealogias, refletindo os valores morais da época (JUNG, 2015, p. 166). Como consequência, se uma mulher não fosse registrada nos documentos do pai ou do marido, isso significava que, legalmente, ela sequer existia (JUNG, 2015, p. 137-140).

Durante Joseon, a existência restrita aos homens, principalmente fora do ambiente peridoméstico, foi o fator determinante da vida das mulheres. As leis impostas restringiam severamente sua autonomia: mulheres não podiam se casar novamente, se divorciar, ficar com a guarda

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

dos próprios filhos, e, em casos extremos, tinham seu registro modificado postumamente para parecerem casadas com um homem também falecido jovem, caso falecessem solteiras, evitando assim “envergonhar” a família. Havia, ainda, o suicídio como uma alternativa apresentada às mulheres vítimas de abuso sexual, para que “preservassem” sua virtude, ou às que tivessem cometido atos considerados vergonhosos para a família. Para aquelas que gostariam de ser consideradas mulheres virtuosas (yeollyeo 烈女), havia a necessidade de tirar sua própria vida após a morte do marido e juntar-se a ele. Enquanto a obrigação de gerar um filho homem permeava sua educação sexual, seu desaparecimento gradual nos registros civis reforçava sua invisibilidade para o resto da sociedade (KWON, 2015, 192–195).

Apesar de manterem controle sobre a esfera doméstica, limitada por barreiras generificadas rigidamente estabelecidas, as mulheres coreanas passaram de uma das populações mais livres da Ásia para se tornarem uma das mais reprimidas (SETH, 2020, p. 21). Durante a dinastia Joseon, o percurso dos direitos femininos foi marcado por um processo brutal de repressão, que não apenas lhes roubou direitos e autonomia, mas também apagou sua essência como seres humanos. As marcas desse processo ainda ecoam na sociedade contemporânea da Coreia do Sul, pois a mudança de regras para seguir as virtudes femininas ocorreu em poucos séculos. Na dinastia Goryeo as mulheres usufruem de certa liberdade e, mesmo durante o Período Joseon Inicial, as integrantes das elites *yangban* possuíam a liberdade de visitar templos budistas e de fazer rituais dedicados a outras religiões, essa liberdade, entretanto, logo foi removida,

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

assim como a de demonstrar não apenas suas religiões, mas os rostos ao saírem de casa. A pressão para seguir as virtudes neoconfucianas e reprimir (Ri 理), a partir desta mesma teoria, a Coreia começou a separação entre espaço público como majoritariamente masculino e o privado como feminino (MOLONY; THEISS; CHOI, 2016, p. 62).

### **Exemplos de disparidades de gênero na sociedade coreana durante a dinastia Joseon.**

A dinastia Goryeo também era patriarcal, contudo, sua legislação estava longe de ser tão rígida no que diz respeito à restrição do direito das mulheres. As viúvas podiam casar-se novamente após a morte do marido e a herança não era prioritariamente atribuída aos filhos homens mais velhos: era dividida igualmente, com as mulheres, que possuíam liberdade para administrar seus bens conforme desejassem. A inclusão das mulheres nos inventários durante o período de Goryeo proporcionou-lhes um grau de autonomia financeira (HAN, 2004, p. 113).

A corrupção moral foi um dos fatores que contribuíram para o declínio de Goryeo. O budismo, que há muito vinha sendo deturpado, passou a ser utilizado pela nobreza como um meio de assegurar a proteção pessoal, enquanto os templos o empregavam como instrumento de acumular riquezas, recorrendo à exploração e ao engano da população. No entanto, para os *sadaebu*, que eram favoráveis à revolução contra Goryeo, não bastava reprimir o budismo em prol da moralidade, conforme

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Jeong Do-Jeon pontuava em seu livro.<sup>12</sup> Era necessário também restabelecer a ordem social, baseada nas ideias morais neoconfucionistas, o que incluía a implementação de leis sobre as relações de gênero. Para esses reformadores, as mulheres gozavam de uma liberdade excessiva em Goryeo e isso era visto como um fator que corrompia a ordem pública. A visão da mulher como destruidora da nação é uma característica que permanece até os dias atuais (MANEK, 2023, p. 58).

Com o fim de Goryeo e a implementação de Joseon, Yi Seong-gye ascendeu ao trono com um discurso que apresentava uma série de princípios nos quais o novo modelo de governo deveria se fundamentar. Nele, o rei Taejo dizia que súditos leais, filhos obedientes, maridos fiéis e esposas leais, eram costumes que deveriam ser encorajados.<sup>13</sup> Tal encorajamento baseava-se em sólidas leis morais confucionistas, diferentemente do que ocorria no Ocidente, onde as normas eram pautadas nos mandamentos bíblicos. Assim, caso uma esposa não desempenhasse seu papel de lealdade ao marido ou um súdito ao rei, essas transgressões seriam passíveis de punição.

As leis morais básicas da sociedade estabelecidas por Yi Seong-gye em seu discurso de ascensão ao trono, ganharam decretos derivados e mais rígidos ao longo dos quinhentos anos de Joseon. No caso do divórcio,

---

<sup>12</sup> Como adepto do neo-confucionismo, Jeong Do-Jeon formula diversas críticas ao budismo com o intuito de refutá-lo na obra intitulada *Bulssi Japbyeon*, ou, em inglês, *An Array of Critiques of Buddhism*.

<sup>13</sup> O acesso ao discurso de Yi Seong-gye está disponível no volume 1, em julho do primeiro ano do reinado do rei Taejo em: COREIA DO SUL. NATIONAL INSTITUTE OF KOREAN HISTORY. (org.). **The Veritable of the Joseon Dynasty**. Disponível em: <https://sillok.history.go.kr/main/main.do>. Acesso em: 14 nov. 2024.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

por exemplo, o direito era restrito ao estado e aos maridos, e, na maioria das vezes, a mulher era responsabilizada pela separação. Havia três situações em que o divórcio não podia ser concedido: quando a esposa não tinha um lar para retornar, quando ela havia suportado o período de três anos de luto junto ao marido em razão dos sogros falecidos, que implicava na abstenção de participar de festas, cerimônias públicas e algumas atividades cotidianas, além de cumprir outras normas comportamentais, quando o homem saía da pobreza para a riqueza depois de ter casado com a esposa. Apesar dessas regras, houve casos em que o divórcio foi negado e o homem punido para a defesa do status da esposa principal (HAN, 2004, p. 123-125).

Durante a dinastia Joseon, era comum que um homem tivesse quantas esposas desejasse. No entanto, o mesmo não acontecia com as mulheres. Existia a teoria da legitimidade, que defendia a ideia de que, assim como no céu só poderia haver um Sol ou um súdito só poderia servir a dois reis, a mulher também deveria servir apenas a um homem. O homem comum de Joseon tinha uma esposa principal e concubinas, que em ambos os casos, estavam restritas somente ao marido. As esposas principais possuíam mandamentos a serem cumpridos, sendo eles: não desobedecer ao sogro, produzir herdeiro homem, não cometer adultério, não ter ciúme excessivo, não adoecer gravemente, não roubar e não falar excessivamente (HAN, 2004, p. 124). O descumprimento desses mandamentos poderia resultar em punições severas, conforme ocorria em casos de adultério por parte da esposa. Enquanto a ausência de um herdeiro homem da esposa principal poderia ser facilmente resolvida por

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

uma das concubinas (HAN, 2004, p. 153), visto que Joseon tinha o histórico da existência de reis filhos de mulheres que não eram esposas legítimas, o não cumprimento de seus deveres principais representava uma mancha na reputação dessas mulheres.

Outra característica que podia ser considerada uma mancha na reputação das mulheres era a relação com um homem que não fosse seu marido. Até o reinado do rei Sejo (1455-1468), o segundo casamento de uma mulher não era considerado um problema, desde que não houvesse um terceiro. Somente durante o reinado de SeongJong (1470-1495), quando os ideais confucionistas já estavam enraizados, uma discussão foi realizada no oitavo ano de seu governo, com o intuito de abordar a proibição do segundo casamento das mulheres. A maioria dos homens leais que participavam da discussão foram contra a proibição, enquanto apenas quatro concordaram. O rei SeongJong, por sua vez, ficou ao lado dos quatro homens, alegando que a perda da castidade de uma mulher, que não era somente uma questão física relacionada ao sexo, mas também espiritual, não era algo trivial.<sup>14</sup> Dessa forma, os filhos de viúvas que se casaram pela segunda vez, eram punidos através do impedimento de ascenderem socialmente por meio do concurso público.

Um segundo caso que abrange o tópico anterior é o estupro. O caso das mulheres *hwanyang-nyeon* (화냥년), que pode ser traduzido como

---

<sup>14</sup> Disponível no volume 82, em julho do oitavo ano do reinado do rei SeongJong em: COREIA DO SUL. NATIONAL INSTITUTE OF KOREAN HISTORY. (org.). **The Veritable of the Joseon Dynasty**. Disponível em: <https://sillok.history.go.kr/main/main.do>. Acesso em: 14 nov. 2024.

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

“vadias que retornaram”<sup>15</sup>, refere-se àquelas que foram enviadas como escravas ou capturadas em períodos conflituosos, sendo o principal deles o *Byeongja Horan* (1636-1637)<sup>16</sup>, invasão da dinastia Qing em Joseon, com o objetivo de enfraquecer a relação Joseon-Ming. No entanto, com a necessidade de uma rendição incondicional por parte do rei Injo (1595-1649) de Joseon, um acordo foi feito: o envio de cerca de 10 mil escravos para Qing, dentre eles, mulheres. As mulheres eram levadas para realizar trabalhos braçais pós-colheita e era comum que estupros ocorressem quando uma mulher negasse sexo ao homem a quem servia. Quando se via nessa situação, a mulher, por sua vez, tinha a opção de defender sua honra, normalmente por meio do suicídio antes do ato sexual acontecer. Quando retornavam às suas casas, seja por meio de fuga ou compra, eram denominadas automaticamente como *hwanyang-nyeon*, termo apelativo para referir-se às mulheres que retornavam para a casa após um período de servidão fora de Joseon (LEE, 2022, p. 41). O termo é considerado pejorativo porque quem recebia esse nome, independente de ter sido ou não estuprada, era considerada impura, justamente por não conseguir provar a ausência do ato. Essas mulheres eram colocadas de lado pelos seus maridos e pela sociedade.

As questões sociais eram também definidas pelas leis morais confucionistas. O direito feminino de realizar rituais para os antepassados,

---

<sup>15</sup> O verbete da Wikipedia coreana Namu coloca o termo *hwanyang-nyeon* como um palavrão, também utilizado pelos mais velhos no mundo contemporâneo para se referir às prostitutas. Ver em: 화법년. 2024. Namu Wiki. Disponível em: <https://namu.wiki/w/%ED%99%94%EB%83%A5%EB%85%84>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>16</sup> Os anos em coreano possuem nomes. *Byeongja* se refere ao ano de 1636, no qual, se iniciou o período de invasão. Enquanto *Horan* significa guerra.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

parte importante dos costumes confucionistas, variava de reino para reino. Entretanto, de forma geral, o papel da mulher como principal responsável pelos ritos ancestrais era bastante restrito. Quando casada com o primogênito, quem geralmente assumia essa função, a mulher tinha como principal responsabilidade cozinhar os alimentos que seriam servidos durante o ritual (HAN, 2004, p. 128). Após sua própria morte, ela era excluída da família e não recebia oferendas durante os ritos. Além disso, as roupas desempenhavam um papel importante na definição do status social feminino. Para as mulheres das classes mais pobres, a vestimenta também indicava se já haviam tido um filho homem (HAN, 2004, p. 116).

As leis que regiam as mulheres das classes nobres e *yangban* eram aplicadas de forma mais rigorosa. Sua posição elevada na sociedade exigia que, ao pertencerem a essas classes sociais, servissem de modelo para as demais mulheres de Joseon. O principal dever de uma mulher *yangban* era garantir o nascimento de um filho homem para o mantimento da linhagem paterna, garantir a preparação de alimentos dos ritos ancestrais e zelar pela herança da família (HAN, 2004, p. 117). A rainha, considerada a mãe da nação, tinha como responsabilidade primordial a garantia de um herdeiro masculino; caso isso não fosse possível, seu papel era criar o filho de uma concubina como seu (HAN, 2004, p. 134). As mulheres da plebe, maioria da população, estavam envolvidas em atividades como agricultura, trabalho doméstico e tecelagem. Embora houvesse uma clara divisão de trabalho baseada no gênero, a função das mulheres no processo de tecelagem era crucial para a economia da península coreana, uma vez que

## Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

os tecidos eram utilizados como moeda no pagamento de impostos (HAN, 2004, p. 142).

As escravas desempenhavam inúmeras funções para garantir o desenvolvimento da nobreza. Dentre essas, as *gisaeng* ocupavam um espaço de prestígio. As *gisaeng* eram escravas letradas de propriedade dos oficiais do governo, cuja principal função era entreter os nobres durante festas e cerimônias, utilizando seus talentos artísticos e beleza ao servir os convidados oficiais do rei. Essas mulheres também estavam sujeitas à prostituição, e, embora possuíssem habilidades como escrever e pintar, semelhantes às de um nobre ou um *yangban*, não eram reconhecidas como tal. O sistema de castas da sociedade coreana dificultava a ascensão social, pois a posição de um indivíduo era determinada pela hereditariedade, em outras palavras, o sujeito herdava a casta que seus pais pertenciam, tornando a mobilidade social praticamente impossível.

Embora casada com o filho do prefeito de Namwon, Chunhyang, protagonista de um canto popular tradicional — o *pansori* —, não teve seu status social reconhecido. Por ser filha de uma *gisaeng*, ela continuou a ser vista e tratada como tal, o que evidenciava a rigidez hierárquica em Joseon. As mulheres que não sabiam ler ou escrever *hangul*<sup>17</sup> encontravam no *pansori* seu principal entretenimento. Esta forma de música narrativa, que

---

<sup>17</sup> Criado em 1446 pelo Rei Sejong, o *hangul* é o atual sistema de escrita das Coreias. Foi desprezado pelas elites locais que preferiam manter a tradição da escrita chinesa. Pela facilidade de aprendizado, o *hangul* foi rapidamente adotado entre as classes mais baixas, inclusive mulheres. Ver mais em: TEACHERS, The Association Of Korean History. **A Korean History for International Readers: what do koreans talk about their own history and culture?**. Seoul: Seoul Selection, 2011. p. 144-146.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

mistura canto e fala, tinha como objetivo transmitir valores morais confucionistas, semelhantes às fábulas ocidentais que ensinam lições para as crianças. A história de Chunhyang ilustra o princípio da fidelidade conjugal: após casar-se com Mong-Ryong, filho do prefeito, ela é abandonada enquanto ele vai à capital para prestar concurso público. Quando um novo prefeito chega à cidade e exige que Chunhyang se entregue a ele, ela se recusa, sendo por isso condenada à morte. Mong-Ryong, já aprovado no exame real, retorna disfarçado de mendigo para investigar a corrupção local e, no final, salva tanto a população quanto sua esposa.

### **Exemplos de disparidades de gênero na sociedade coreana contemporânea.**

Assim como o *pansori*, a história de Chunhyang não foi relegada ao esquecimento ao longo do tempo. Em Namwon, cidade onde Chunhyang teria nascido, conforme relatado na história cantada, é celebrado um festival em sua homenagem desde 1931 (JOO, 2023, parágrafo 17-18). Além do festival, a cidade abriga uma estátua em homenagem à personagem. Tais iniciativas evidenciam que, embora na contemporaneidade o neoconfucionismo tenha perdido a influência que exercia durante a dinastia Joseon, os ideais da mulher fiel ao seu único homem, assim como o céu é fiel ao seu único sol, continuam presentes na memória cultural, refletindo-se na organização social de gênero por meio dos valores tradicionais que ainda são reverenciados em diversas esferas da sociedade.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Curiosamente, bem como a imagem da fidelidade de Chunhyang é presente no imaginário popular sul-coreano, o sistema *hoju*, abolido em 2008, também é um reflexo dos ideais confucionistas que controlavam a mulher. Introduzido em 1953, o sistema de registro *hoju* exigia que todos os membros de uma família fossem registrados sob o chefe da família, que por lei, era um homem. As mulheres solteiras ou aquelas que exerciam o papel de mãe solo, deveriam se incluir no registro familiar de um homem da família, seja o pai ou o irmão. A mulher só era chefe de família, quando não havia nenhum homem sobrevivente para incluí-la em um registro. O sistema *hoju* chegou ao fim em 2008, apoiado por vários grupos religiosos, dentre eles católicos, budistas, evangélicos e xamanistas. O único grupo que não concordou com a abolição do sistema de registro patriarcal foram os confucionistas, alegando que a prática era essencial para o mantimento das tradições e da cultura coreana (KOH, 2008, p. 346).

Além disso, o ideal de mulher virtuosa, baseado nas éticas neoconfucionistas, influenciou diretamente a visão das mulheres coreanas contemporâneas. Seus direitos começaram a ter mudanças legais mínimas durante a institucionalização das eleições indiretas de 1980. O KWDI (Korean Women's Development Institute, ou Instituto de Desenvolvimento das Mulheres Coreanas) foi criado em 1982, embora as organizações de movimentos femininos tenham surgido oficialmente na década de 1970, para ligar as lutas destes movimentos a instituições governamentais. Essas organizações ganharam força com o aumento da participação das mulheres na educação, entre 1970 e 1990, embora essa ainda seguissem muitos dos princípios estabelecidos pelas leis da dinastia Joseon. Apesar

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

de a constituição garantir direitos às mulheres, havia uma série de artigos justificando o tratamento desigual em relação a elas (LEE, CHIN, 2007, p. 1205-1226).

Mulheres sul-coreanas passaram a se inserir no mercado de trabalho com o aumento da indústria de exportações. Após a libertação da Coreia da colonização japonesa em 1945, a Constituição coreana de 1948 e o início do processo de industrialização, que ocorreu entre 1960 e 1970, juntamente com a implementação do ensino obrigatório na década de 1950, as mulheres conseguiram mais oportunidades de estudo e trabalho. No entanto, isso não se traduziu necessariamente em uma educação de melhor qualidade ou em uma redução do preconceito de gêneros. Mulheres com um nível mais avançado de educação apresentavam uma menor disparidade salarial em relação aos homens, mas ela ainda estava presente: na década de 90, mulheres graduadas recebiam 71,3% do salário dos homens, mas a média total era de cerca de 55%, chegando, em alguns casos, até a um terço. (CHUNG, 1994, p. 487-505). Os homens ainda possuíam a vantagem do acesso a um número significativamente maior de oportunidades de emprego. Ademais, a representação feminina nos materiais didáticos era muito limitada e, quando existia, reforçava os ideais neoconfucionistas da “mulher virtuosa”, retratando-a sempre como dona de casa e mãe responsável, dedicada aos cuidados com os filhos. Essa representação em materiais didáticos constitui o primeiro contato que muitas meninas têm com modelos de comportamentos e o significado de ser uma mulher sul-coreana. A falta de visibilidade de mulheres em outras áreas dificultava, inclusive, a consideração dessas possibilidades em suas

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

aspirações futuras. Além disso, quanto menor o nível de educação, menor o salário. Como as mulheres já partiam de uma base salarial inferior, durante o período de industrialização e substituição de importações no país, elas passaram a ser vistas como uma mão de obra barata e facilmente explorável (CHUNG, 1994, p. 51).

Com maior acesso à educação e ao mercado de trabalho na década de 1970, as mulheres sul-coreanas começaram a se organizar para lutar por seus direitos. Apesar da baixíssima representação política e policial — algo que permanece um problema até hoje —, uma de suas principais reivindicações era a revisão da lei familiar sul-coreana. Assim, é possível perceber como o avanço na educação e na inserção trabalhista auxiliou as mulheres a desenvolverem um pensamento mais crítico sobre seu país.

Até os anos 1990, a lei familiar sul-coreana dava preferência ao pai na custódia dos filhos, refletindo os princípios neoconfucionistas mencionados anteriormente. Além disso, mesmo quando a mãe conseguia a guarda das crianças, ela não tinha direito a pensão alimentícia. Em 2004, a legislação voltou a ser discutida, e o tema da pensão alimentícia ganhou destaque. Na época, mães que criavam os filhos sozinhas frequentemente precisavam assumir mais de um emprego ou contar com o apoio financeiro da família. Contudo, se a mulher conquistasse o direito à pensão e o juiz acreditasse que ela havia causado o divórcio, ou que ela estivesse criando o filho contra a vontade do marido, o benefício podia ser imediatamente retirado. Muitas mulheres preferiam não exigir a pensão, temerosas do prolongamento do processo de divórcio e da falta de

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

cumplicidade do companheiro com o pagamento. Com o apoio de movimentos populares coreanos, em 2007 o pagamento da pensão alimentícia tornou-se obrigatório nos acordos entre casais divorciados, exigindo a assinatura mútua. No entanto, como muitos pais ainda se recusavam a pagar a pensão sem justificativa, a lei foi reformulada em 2009, e novamente em 2012 (KIM; CHUNG, 2020, p. 2-8). Essas mudanças buscaram investigar casos de inadimplência, exigindo declaração de renda dos homens e uma justificativa para a falta de pagamento. Apesar desses avanços, o problema persiste na Coreia do Sul, e, principalmente, quando a mulher possui uma condição financeira menos abastada do que seu ex-marido, a guarda dos filhos permanece com os homens até segunda ordem, mesmo em casos de violência doméstica.

Sendo assim, é possível perceber como os ideais hierarquizados de Joseon permanecem. A ideia de que a mulher seria insuficiente para criar um bom cidadão para a sociedade sul-coreana sozinha, ou de que seu trabalho, mesmo com a jornada dupla — assalariada e doméstica — é de menor validade. Ao observar como essa lei funciona, é possível concluir como, mesmo contemporaneamente, o aparato legal ainda é usado para controlar as mulheres e, de maneira implícita, desencorajá-las a se divorciarem, reforçando as ideias assimétricas entre gêneros, entre a razão de criar os filhos e sua condição de poder fazê-lo. Muitas evitavam a separação, pois sabiam que, mesmo em casos de violência do pai contra os filhos, a guarda frequentemente continuava sendo concedida ao homem. Ou seja, mesmo quando conseguiam se divorciar, criar os filhos de forma independente era — e continua sendo — um grande desafio. Muitas mães

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

precisavam contar com o apoio dos pais, amigos ou outros parentes próximos. Além disso, apesar de as mulheres representarem a maioria entre os frequentadores do ensino superior, a Coreia do Sul já chegou a registrar a maior disparidade salarial entre os gêneros no mundo. Em 2023, o país apresentou a diferença salarial mais exorbitante entre os países analisados pela OCDE, com 31,1% (OECD, 2023, p. 12), em parte sustentada por estruturas legais e sociais que perpetuam essas diferenças. Estruturas formadas com base nas filosofias de pensamento público influenciaram estas leis, que continuam a destacar a assimetria entre gêneros na sociedade sul-coreana.

### **Conclusão**

Ao analisar a posição das mulheres sul-coreanas ao longo da história, percebe-se como o neoconfucionismo influenciou profundamente a construção social feminina, moldando tanto a visão sobre elas quanto os comportamentos nas relações em que estavam inseridas. Essa influência ainda deixa marcas evidentes na construção de gênero no tempo presente, projetando-se sobre como as mulheres sul-coreanas são vistas pela lei, costumes, festivais e linguagem.

Durante a transição do período Joseon Inicial para o Tardio, as mulheres possuíam direitos como herdar bens e construir um patrimônio próprio. Após a morte do marido, muitas mantinham autonomia financeira, a fim de evitar um novo casamento. No entanto, no período Joseon Tardio, essa autonomia foi gradualmente eliminada, e o reflexo disso permanece: a disparidade salarial extrema dificulta seu sustento.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

Excluídas de posições sociais relevantes, a marginalização feminina ainda persiste. A Coreia do Sul apresenta uma baixa participação de mulheres em cargos elevados, especialmente no setor público. Além disso, sua educação foi restringida por séculos, sendo retomada com mais acesso apenas na década de 1980. A guarda dos filhos tornou-se um direito nos anos 1990, e a entrada no mercado de trabalho ocorreu sob o estigma de mão de obra barata e inferior. Embora resistam, a agência feminina permanece fortemente limitada desde sua infância. Os ideais neoconfucionistas de Joseon rastejaram e se adaptaram à sociedade sul-coreana ao longo do tempo, reforçando uma visão da subordinação das mulheres, impactando sua imagem e papel na sociedade contemporânea

Marcas da lealdade e da submissão continuam profundamente enraizadas entre setores mais conservadores da população coreana. A lealdade levava mulheres a preferirem a morte a retornar para casa após sofrerem abusos sexuais a ser estigmatizadas como vítimas de estupro, e a submissão as obrigava a servirem seus maridos (MOLONY; THEISS; CHOI, 2016, p. 70–71). Até hoje, homens sul-coreanos comparam coreanas às *sushi-nyeo* — termo misógino usado para se referir a mulheres japonesas (MANEK, 2023, p. 57). Essa comparação envolve corpos, rostos, comportamentos, lealdade e, inevitavelmente, submissão, colocando as coreanas em constante contraste com um ideal imaginado. Além disso, existe o termo *kimchi-nyeo*, utilizado pejorativamente para se referir às mulheres coreanas modernas (MANEK, 2023, p. 56). Essas mulheres são descritas como fúteis, interessadas em moda e acostumadas a esperar que os homens arquem tanto com os custos dos encontros quanto com as

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

despesas do casamento. Elas são frequentemente criticadas por sua “falta de *joseonidade*” e acusadas de explorar financeiramente seus parceiros (MANEK, 2023, p. 57). Essas expressões funcionam como dispositivos de policiamento moral e comparação hierárquica de condutas femininas, ecoando a pedagogia confucionista de virtude e submissão que, em Joseon, legitimava reputações familiares e posições sociais.

Apesar de oprimidas durante séculos, as mulheres sul-coreanas lutaram bravamente e continuam resistindo com os recursos disponíveis. Fugir de casa, mesmo sob o risco de punição ao serem encontradas, era um ato de coragem e um desafio ao patriarcado local. Nos primeiros anos de educação, meninas e meninos recebiam ensino das mulheres, com objetivos distintos para cada gênero. Ainda assim, acadêmicas desenvolviam visões próprias sobre a conduta ideal feminina e as registravam, mesmo compartilhando a mesma formação acadêmica dos irmãos. Embora não tivessem permissão para interferir nos assuntos públicos dos maridos, dominavam completamente a esfera doméstica, um espaço onde os homens não exerciam autoridade alguma. Mesmo marginalizadas pela sociedade, elas desempenhavam papéis fundamentais, responsáveis pela sua manutenção, criando cidadãos respeitáveis, cuidando da passagem espiritual das pessoas e assumindo os assuntos administrativos da casa em caso de viuvez, eram, também, responsáveis pela manutenção da própria imagem da mulher sul-coreana. A falta de análise sobre a agência destas mulheres, mesmo com fontes como os anais de Joseon e os processos de divórcio disponíveis, ainda perduram na língua portuguesa, impossibilitando reconhecer as suas

**Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

formas de resistência. Portanto, tornando esta parte da história desconhecida mesmo na área dos estudos de história das mulheres, de gênero e dos feminismos. Faz-se, então, a necessidade de novas análises sobre as formas de construção, opressão, agência e resistência das mulheres no leste asiático, evidenciando construções de forma de pensar o patriarcado fora do ocidente.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

### **Referências Bibliográficas**

CHUNG, Ji Sun. Women's Unequal Access to Education in South Korea. *Comparative Education Review*, v. 38, p. 487-505, 1994.

COREIA DO SUL. NATIONAL INSTITUTE OF KOREAN HISTORY. (org.). The Veritable of the Joseon Dynasty. Disponível em: <https://sillok.history.go.kr/main/main.do>. Acesso em: 14 nov. 2024.

HAN, Hee-Sook. Women's Life during the Chosŏn Dynasty. *International Journal Of Korean History*, Seul, v. 6, p. 113-160, dez. 2004.

JOO, Su Young. Namwon, la ville de tous les possibles dans l'histoire de Chunhyang ? *Impressions D'extrême-Orient*, [S.L.], n. 15,10 jul. 2023. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/ideo.3254>.

JUNG, Jin Young. Did Fake Genealogies Exist?. In: PETTID, Michael J.; KO, E. Young (Org.). *Everyday Life in Joseon-Era Korea: Economy and Society*. Cambridge: Harvard University Press, 2015, p. 163-173.

KIM, Heisook. Toward Critical Confucianism: Woman as a Method. *Korean Feminist Philosophy*, v. 26, p. 131-152. Ewha Womans University, 2016.

KIM, Yeongmin; CHUNG, Yiyoon. Child support receipt among divorced mothers in Korea: Changes after the 2007 policy reform. *Children and Youth Services Review*, v. 119, 2020. p. 1-14.

KOH, Eunkang. Gender Issues and Confucian Scriptures: is confucianism incompatible with gender equality in south korea. *Bulletin Of The School Of Oriental And African Studies, Londres*, v. 71, n. 2, p. 345-362, 2008.

KWON, Soon-Hyung. Did People Divorce in the Joseon Period?. In: PETTID, Michael J.; KO, E. Young (Org.). *Everyday Life in Joseon-Era Korea: Economy and Society*. Cambridge: Harvard University Press, 2015, p. 189-197.

LEE, Aie-Rie; CHIN, Mikyung. The Women's Movement in South Korea. *Social Science Quarterly*, v. 88, n. 5, Special Issue on Women in Global Society, p. 1205-1226, dez. 2007.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

LEE, Haesung. Neo-Confucianism of Joseon dynasty: its theoretical foundation and main issues. *Asian Studies*, Ljubljana, SI, v. 4, n. 1, p.165-194, 2016.

LEE, Kuhn-Mook. CHOSEN, TAKEN, AND RETURNED: korean “comfort women” and the struggle against japanese colonial and post-colonial legacies. 2022. 11 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, History Department Honours Programme, Royal Military College Of Canada, Kingston, p. 61-77, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11264/566>. Acesso em: 18 nov. 2024. p. 41

MANEK, Bernadine Grace Alvania. Confucian Historical Narratives and Misogynic Culture in South Korea. *Journal Of Asian Social Science Research*, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 49-62, 18 ago. 2023. Sunan Gunung Djati State Islamic University of Bandung. <http://dx.doi.org/10.15575/jassr.v5i1.73>.

MOLONY, Barbara; THEISS, Janet M.; CHOI, Hyaeweol. *Gender in modern East Asia: China, Korea, Japan. An integrated history*. 1. ed. Boulder, CO: Westview Press, 2016.

OECD. *Reporting Gender Pay Gaps in OECD Countries: Guidance for Pay Transparency Implementation, Monitoring and Reform*, OECD Publishing, Paris. 2023. Acesso em 01 de dezembro de 2024. p. 1-206. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/ea13aa68-en>.

SEOK, Bongrae. *The Four–Seven Debate of Korean Neo-Confucianism and the Moral Psychological and Theistic Turn in Korean Philosophy* Religions, 2018. p. 1-15.

Seth, Michael J., *Korea: A Very Short Introduction*, Very Short Introductions (Oxford, 2020; online edn, Oxford Academic, 23 Jan. 2020), p. 1-139.

TEACHERS, The Association Of Korean History. *A Korean History for International Readers: what do koreans talk about their own history and culture?*. Seul: Seoul Selection, p. 328, 2011.

## **Patriarcalismo neoconfucionista e gênero na Coreia do Sul: do ideal feminino na dinastia Joseon à sociedade contemporânea**

Julia Cariry Costa  
Razel Carmo da Silva

TIWALD, Justin. Confucianism and Neo-Confucianism. In: SNOW, Nancy E. (ed.). The Oxford Handbook of Virtue. Oxford: Oxford Academic, 2018. Online edition, 6 dez. 2017. p. 171-188.

화냥년 (Hwanyangnyeon). 2024. Namu Wiki. Disponível em: <https://namu.wiki/w/%ED%99%94%EB%83%A5%EB%85%84>. Acesso em: 19 nov. 2024.